

## ROUSSEAU E A ORIGEM DA DESIGUALDADE SOCIAL: REFLEXÕES PARA COMPREENDER O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

Jilvania Lima dos Santos\*

**RESUMO:** *Este artigo visa a contribuir com as reflexões em torno do processo de desenvolvimento humano, tendo como ponto de partida a obra de Jean-Jacques Rousseau, intitulada Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. Retoma o pensamento do filósofo genebrino, a partir de três questões básicas: – Qual a fonte da desigualdade? Quais experiências para conhecer o homem natural? E quais são os meios de fazer essas experiências no seio da sociedade? Conclui que o caminho do autoconhecimento – o de conhecer-se a si mesmo – poderá favorecer o entendimento dessas questões através de uma educação voltada para a formação de homens éticos e, amorosamente, dispostos a acolher o outro.*

**Palavras-chave:** Desigualdade social; Desenvolvimento humano; Autoconhecimento.

### INTRODUÇÃO

Trata-se de uma reflexão acerca das origens das desigualdades sociais com o objetivo principal de contribuir com a compreensão do processo de formação humana, com vistas à construção de um projeto de uma humanidade mais ética e mais justa. Pela complexidade do fenômeno, considera-se que, neste texto, existe apenas uma tentativa de expressar a ‘vontade geral’<sup>1</sup> de criar condições para que todos os seres humanos se desenvolvam, plenamente, sem o nefasto desejo de manipular, oprimir e ter controle sob a vida alheia.

Considerando que Jean-Jacques Rousseau, filósofo genebrino do século XVIII, problematizou sobre ‘as origens e os fundamentos da desigualdade’, discutindo-a, exaustivamente, e apontando um caminho possível para o alcance desse projeto, parte-se de suas questões fundantes: *Qual a fonte da desigualdade entre os homens? Que experiências seriam necessárias para conhecer o homem natural? E quais são os meios de fazer essas experiências no seio da sociedade?*

Para tanto, pela sua natureza filosófica, este estudo se fundamenta na abordagem compreensivo-interpretativa, que consiste num exercício de possibilidade, de apropriação e significação, sem necessidade de se vincular, necessariamente, ao real. Lida-se, portanto, com aberturas e campos que se desvelam novos, a partir de análises investigativas sobre a temática em questão.

Ressalta-se, ainda, que os resultados alcançados, ainda preliminares, são frutos de um trabalho desenvolvido na Linha de Pesquisa *Filosofia, Linguagem e Práxis Pedagógica* que, coordenada pelo Prof. Dr. Dante Augusto Galeffi, se vincula aos grupos de pesquisa *Epistemologia do Educar e Práticas Pedagógicas*; e *Educação e Linguagem*, devidamente cadastrados no CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

### **SOBRE AS DESIGUALDADES SOCIAIS: BREVES CONSIDERAÇÕES**

---

\* Doutoranda e Mestre do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Bahia (FACED/UFBA), sob a orientação da Profa. Dra. Mary de Andrade Arapiraca. Técnica da Pró-Reitoria para Assuntos Acadêmicos da Universidade Católica do Salvador; Professora e Coordenadora do Núcleo de Prática de Ensino, do Curso de Letras, das Faculdades Jorge Amado. [jilvanials@ucsal.br](mailto:jilvanials@ucsal.br) / [jilvanials@fja.pro.br](mailto:jilvanials@fja.pro.br)

<sup>1</sup> Segundo Rousseau, ‘vontade geral’ é interesse comum; ‘soma das diferenças’, isto quer dizer que, quanto mais os homens diferem entre si, mais oportunidades haverá de emergir o substrato comum. (1973a, p. 52)

Rousseau, no *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, traça um histórico do processo de desenvolvimento humano, que passa do estado de natureza para o estado civilizado, refletindo as contradições e antagonismos que permearam esse percurso, e defende a necessidade da busca pelo conhecimento de si mesmo como condição primordial para a formação de seres humanos solidários, justos e felizes.

Segundo ele, só pelo exercício do autoconhecimento, os homens poderão restabelecer a sua relação com a natureza. De acordo à sua percepção, para se entender o ser humano e a sua rede complexa de sentidos e significados, é necessário remontar ao método mais primitivo de compreensão humana: *conhece a si mesmo* para poder conhecer o outro.

**Como conhecer a fonte da desigualdade entre os homens, se não se começar por conhecer os próprios homens?** E como o homem chegará ao ponto de ver-se tal como o formou a natureza, através de todas essas mudanças produzidas na sua constituição original pela sucessão do tempo e das coisas, e separar o que pertence à sua própria essência daquilo que as circunstâncias e seus progressos acrescentaram a seu estado primitivo ou nele mudaram? (ROUSSEAU, 1973, p. 233, grifo nosso)

Acredita Jean-Jacques (1999) que o homem natural é tudo para si mesmo; é uma ‘unidade numérica’, um ‘inteiro absoluto’, que só se relaciona consigo mesmo ou com o seu semelhante. Já o homem civil é, na sua perspectiva, apenas uma unidade fracionária dependente do seu semelhante, cujo valor, dirá ele, está em sua relação com o todo, que é o corpo social.

Ao tempo que indaga sobre *Qual a fonte da desigualdade entre os homens*, Rousseau ressalta a inadequação na crença de ser natural a fonte da desigualdade, porque, para ele, a resposta se encontraria enunciada na simples definição da palavra. Na continuidade de sua busca, problematiza: *Que experiências seriam necessárias para chegar a conhecer o homem natural? E quais são os meios de fazer essas experiências no seio da sociedade?*

Perseguindo esses questionamentos, o pensador concebe a existência, na espécie humana, de duas desigualdades: uma, que ele chama de *natural ou física*, porque, segundo acredita, é estabelecida pela natureza, e que consiste na diferença das forças do corpo, das idades, da saúde e das qualidades do espírito, ou da alma; a outra, que ele nomeia de *desigualdade moral ou política*, porque depende de uma convenção, estabelecida ou autorizada pelo consentimento dos homens, consiste nos diversos privilégios de que usufruem alguns com prejuízo de outros, como, por exemplo, de acordo com ele, ser mais ricos, mais honrados, mais poderosos do que os outros, ou mesmo fazerem-se obedecer por eles.

Em conformidade com suas idéias revolucionárias, não há nenhuma possibilidade dessas desigualdades terem a mesma origem. Muito menos se deve, de acordo com ele, procurar estabelecer alguma ligação essencial entre elas, porque:

em outras palavras, seria perguntar se aqueles que mandam valem necessariamente mais do que os que obedecem e se a força do corpo ou do espírito, a sabedoria e a virtude sempre se encontram, nos mesmos indivíduos, na proporção do poder ou da riqueza: tal seria uma boa questão para discutir entre escravos ouvidos por seus senhores, mas que não convém a homens razoáveis e livres, que procuram a verdade (ROUSSEAU, 1973, p. 241).

Jean-Jacques Rousseau argumenta que, tanto isso não é possível, que os filósofos que examinaram os fundamentos da sociedade sentiram a necessidade de remontar até ao estado de natureza, mas nenhum deles foi capaz de realmente chegar até lá. Ressalta ele:

[...] uns não hesitaram em supor, no homem, nesse estado, a noção do justo e do injusto, sem preocuparem-se com mostrar que ele deveria ter essa noção, nem que ela lhe fosse útil. Outros falaram do direito natural, que cada um tem, de conservar o que lhe pertence, sem explicar o que entendiam por pertencer. Outros, dando inicialmente ao mais forte autoridade sobre o mais fraco, logo fizeram nascer o Governo, sem se lembrarem do tempo que deveria decorrer antes que pudesse existir entre os homens o sentido das palavras autoridade e governo (ROUSSEAU, 1973, p. 241).

Na sua compreensão, todos eles, falando sem cessar de necessidade, de avidez, de opressão, de desejos e de orgulho, levaram ao estado de natureza idéias adquiridas na sociedade: “falavam do homem selvagem e pintavam o homem civil” (1973, p. 242). Por outro lado, Rousseau acredita que os ‘funestos fiadores’, responsáveis pela maior parte dos nossos males, são a nossa própria obra e que poderíamos evitá-los, quase todos, se conservássemos a maneira de viver simples, uniforme e solitária.

Ele acredita que esses males são originados pela ‘extrema desigualdade na maneira de viver’; o ‘excesso de ociosidade de uns’, o ‘excesso de trabalho de outros’, a ‘facilidade de irritar e satisfazer nossos apetites e nossa sensualidade’, os ‘alimentos muito requintados dos ricos’, a ‘má nutrição dos pobres’, os ‘excessos de toda espécie’, os ‘transportes imoderados de todas as paixões’, as ‘fadigas e o esgotamento de espírito’, os ‘pesares e as penas sem número que se experimentam em todos os estados e que perpetuamente arruínam os corações dos homens.

Ora, se se fizer uma comparação entre a diversidade prodigiosa de educação e gêneros de vida que reina nas várias ordens do estado civil, e a simplicidade e uniformidade da vida animal e selvagem, na qual todos se alimentam com os mesmos alimentos, vivem da mesma maneira e fazem exatamente as mesmas coisas, compreender-se-á quanto deve a diferença de homem para homem ser menor no estado de natureza do que no de sociedade e quanto aumenta a desigualdade natural na espécie humana por causa da desigualdade de instituição (ROUSSEAU, 1973, 263).

Desse modo, Rousseau mostra que a desigualdade, no estado de natureza, é apenas sensível e a sua influência quase nula. Seu esforço, daí em diante, evidencia a origem e seus progressos nos desenvolvimentos sucessivos do espírito humano. Na sua perspectiva, à medida que as idéias e os sentimentos se sucedem, que o espírito e o coração se exercitam, o gênero humano continua a se domesticar, as ligações se estendem e os laços se apertam, conforme descrição abaixo:

Os homens habituaram-se a reunir-se diante das cabanas ou em torno de uma árvore grande: o canto e a dança, verdadeiros filhos do amor e do lazer, tornam-se a distração, ou melhor, a ocupação dos homens e das mulheres ociosos e agrupados. Cada um começou a olhar os outros e a desejar ser ele próprio olhado, passando assim a estima pública a ter um preço. Aquele que cantava ou dançava melhor, o mais belo, o mais forte, o mais astuto ou o mais eloquente, passou a ser o mais considerado. E foi esse o primeiro passo para a desigualdade quanto para o vício; dessas primeiras preferências nasceram, de um lado, a vaidade e o desprezo e, de outro, a vergonha e a inveja. A fermentação determinada por esses germes produziu, por fim, compostos funestos à felicidade e à inocência (ROUSSEAU, 1973, p. 269).

Aí se apresenta o momento de transição, acredita o Prof. Dr. Genildo Ferreira da Silva<sup>2</sup>, grande filósofo da atualidade, que vem se dedicando a pesquisas relacionadas à filosofia política e educacional de Rousseau. No seu entendimento, Jean-Jacques consegue ‘fotografar’ um instante que carrega tanto os elementos característicos do estado de natureza quanto do estado social, marcado pela cabana, pelo canto e pela dança, e a árvore como símbolo da presença do estado de natureza.

Daí em diante, de acordo com Rousseau, os seres humanos começaram a se apreciar mutuamente, formando-se a idéia da consideração em seu espírito, e cada um pretendeu ter direito a ela, não sendo mais possível faltar com ela impunemente a ninguém. Assim, surgiram os primeiros deveres de civilidade e toda falta voluntária tornou-se um insulto, pois, com o mal que resultava da injúria, o ofendido via nela também o desprezo à sua pessoa, muitas vezes mais insuportável do que o próprio mal. “Eis como, cada um punindo o desprezo que lhe dispensavam proporcionalmente à importância que se atribuía, as vinganças tornaram-se tremendas e os homens sanguinários e cruéis” (1973, p. 269).

Como sair desse estado civil? Uma das possibilidades apresentadas pelo autor é a formação do “homem da natureza”, dotando-o de uma vitalidade capaz de superar-se a si mesmo. Nas próprias palavras de Rousseau,

Mas considerai primeiro que, querendo formar o homem da natureza, não se trata por isso de fazer dele um selvagem e de relegá-lo ao fundo dos bosques, mas, envolvido no turbilhão social, basta que ele não se deixe arrastar nem pelas paixões nem pelas opiniões dos homens; veja ele pelos seus olhos, sinta pelo seu coração; não o governe nenhuma autoridade, exceto a de sua própria razão (ROUSSEAU, 1999, p. 339).

Mesmo que seja apenas uma aproximação, percebe-se em Rousseau uma forte crença na capacidade do fenômeno educativo de ativar no indivíduo o vigor, desejo e ânsia de torná-lo um ser humano apto a aprender, simultaneamente, a mandar e a obedecer, tendo como fundamento a justiça e a benevolência e sendo, ele mesmo, a medida de todas as coisas.

Para Strathern, a tese fundamental de Rousseau

era que a história da humanidade não passara da história de um calamitoso declínio. A humanidade era essencialmente boa por natureza, mas fora corrompida pela civilização e pela cultura. Isso não era devido a nenhuma intrínseca semente de corrupção, mas simplesmente ao fato de que a humanidade seguiria um caminho equivocado. (STRATHERN, 2004, p. 21)

Se a história da humanidade é uma história de declínio: Qual caminho precisa seguir? Buscar a felicidade e priorizar uma formação humana capaz de potencializar os sentimentos de autopreservação e benevolência seriam as ações primordiais para voltar ao estado de natureza? Como é possível conservar esse estado de natureza, se a humanidade seguiu um “caminho equivocado”?

Sem a pretensão de esgotar a problemática, aqui colocada, nem de apresentar uma resposta última, observa-se, no projeto educacional de Jean-Jacques Rousseau, um apelo para que as ações humanas favoreçam a concretização de uma prática educativa voltada para a formação de seres humanos ativos, habilitando-os a crescerem como um todo na posse de suas potencialidades e possibilidades criativas, usando-as para seu benefício pessoal e de outros, sempre, em busca da alegria.

---

<sup>2</sup> Palestra proferida em 09 de junho de 2006, na Faculdade de Educação da UFBA, intitulada A filosofia educacional de Rousseau.

## À GUIA DE CONCLUSÕES

Cassirer (1999) considera Rousseau o primeiro filósofo que questionou a segurança desse ‘mundo de forma fixo e pronto’ e também abalou os seus alicerces, abandonando-se num certo sentido ao *caos*, fonte e manifestação de sua força singular e criadora. Para ele, Jean-Jacques ousa se entregar ao impulso: “opõe ao modo de pensar essencialmente estático do século a sua própria dinâmica inteiramente pessoal do pensamento e sua dinâmica do sentimento e da paixão” (1999, p. 39).

Foi esse homem que, amado por uns e odiado por outros com o mesmo vigor, insistiu que cada um deveria buscar experimentar a “verdadeira natureza”.

Entremos em nós mesmos, jovem amigo, e examinemos, pondo de parte todo interesse pessoal, a que nos levam nossas inclinações. Que espetáculo nos agrada mais, o dos tormentos ou o da felicidade de outrem? O que nos é mais doce fazer e nos deixa uma impressão mais agradável, após ter feito, um ato de beneficência ou um ato de maldade? (ROUSSEAU, 1999, p.387).

Ao menos, ao que parece, Rousseau mostrou, no quadro do verdadeiro estado de natureza, como a desigualdade, mesmo natural, está longe de ter nesse estado tanta realidade e influência como pretendem os nossos escritores. O seu grande desafio foi, então, evidenciar os princípios para a educação de um homem, mesmo com essa sociedade corrompida. O que, eminentemente, faria diferença, já que não é possível voltar ao estado de natureza, compreender como se deu essa relação.

Rousseau, então, mostra que não é possível educar um ser humano pela via social, para que ele encontre, por ele mesmo, o caminho de volta, pois, como ela está corrompida, já se estabeleceu a desigualdade; o caminho seria o do autoconhecimento.

Vale ainda dizer: é preciso colocar-se como experimento de si mesmo e examinando as suas inclinações. Há em Rousseau uma positividade e uma crença nos seres humanos e na desconfiança de que as relações sociais promovem uma conduta não adequada. De qualquer modo, conforme ele mesmo afirmou, numa carta endereçada *À República de Genebra*, foi um pensador que possuiu um ‘zelo ardente’ e legítimo de um homem que não almejava maior felicidade para si mesmo do que a de ver a todos felizes.

Para finalizar, nota-se, na compreensão rousseauiana, uma possibilidade de subsidiar, justificar e alicerçar a urgência de uma prática educacional, capaz de atender à emergente necessidade humana da vivência e da convivência em espaços saudáveis, acolhedores e propiciadores do florescimento da bondade e do direito ao usufruto da vida.

## REFERÊNCIAS

CASSIRER, Ernst. **A questão Jean-Jacques Rousseau.** / Trad. Erlon José Paschoal, Jézio Gutierrez; revisão Isabel Maria Loureiro. – São Paulo: Editora UNESP, 1999. (Biblioteca básica)

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens.** Tradução de Lourdes Santos Machado. Introdução e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 207-326. (Coleção Os Pensadores XXIV)

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do contrato social ou princípios do direito político**. Tradução de Lourdes Santos Machado. Introdução e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado. São Paulo: Abril Cultural, 1973a, p. 21-151. (Coleção Os Pensadores XXIV)

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio, ou, Da educação**. / Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1999. – (Paidéia)

STRATHERN, Paul. **Rousseau em 90 minutos**. Tradução Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2004.